



Confie no amor

CONSELHOS PARA MÃES, PAIS
E RESPONSÁVEIS POR
PESSOAS LGBTQIA+

APOIO

Beiersdorf



Eucerin

ÍNDICE

Carta das Mães	PG. 3
----------------	-------

BLOCO 1 - VOCÊ COM VOCÊ

1 A descoberta	PG. 7
----------------	-------

2 Jornada dos Pais: as emoções que nos atropelam	PG. 9
--	-------

3 Pais que apoiam filhos desde o começo	PG. 16
---	--------

BLOCO 2 - VOCÊ E OS OUTROS

1 Você e sua filha, seu filhe e seu filho	PG. 19
---	--------

2 Como contar para a família	PG. 23
------------------------------	--------

3 Como lidar com a escola	PG. 26
---------------------------	--------

4 Perigos e direitos	PG. 30
----------------------	--------

5 Saúde mental	PG. 35
----------------	--------

BLOCO 3

● Crianças e adolescentes trans	PG. 39
---------------------------------	--------

* Palavras básicas	PG. 42
--------------------	--------

⦿ Referências	PG. 45
---------------	--------

◎ Expediente	PG. 46
--------------	--------



Carta das Mães para você



Olá,

Que bom que você está aqui!

Se abriu esta cartilha é porque talvez queira aprender mais sobre o universo da diversidade sexual e de gênero. Ou porque talvez você tenha ao seu lado uma filha lésbica, um filhe trans ou um filho gay, por exemplo.

Então, muito prazer. Somos da associação Mães pela Diversidade, ONG criada em 2014 para reunir mães preocupadas com as violências cometidas contra pessoas LGBTQIA+.

De lá pra cá, crescemos, nos fortalecemos e estamos presentes em quase todos os Estados brasileiros. Com o passar do tempo, entendemos que não são só os filhos que precisam ser acolhidos, mas também mães e pais que chegam até nós se sentindo sozinhos, aflitos e confusos. E, se conseguirmos ajudá-los, desarmando preconceitos, teremos cumprido a missão de proteger crianças e adolescentes no primeiro lugar onde muitos são rejeitados: a própria casa.

Dez anos de luta e de trabalho voluntário fizeram da ONG um espaço onde as pessoas se ouvem, se apoiam e, sobretudo, se respeitam. Sem forçar nada, porque entendemos que cada mãe e cada pai tem o seu próprio tempo. Não nos aliamos a partidos políticos e aceitamos membros de todas as crenças. Sabemos que a nossa causa é maior do que as diferenças ideológicas e religiosas que nos separam.

Ultimamente, temos visto com alegria e alívio a chegada de jovens pais, mães e responsáveis comprometidos com o bem-estar de crianças trans e adolescentes LGBTQIA+, antes mesmo de qualquer outra preocupação. E junto com eles chegam também as famílias aliadas, aquelas que, com ou sem filhos LGBTQIA+, desejam participar da construção de um mundo melhor, mais seguro, saudável e inclusivo.

Entre esses aliados estão também empresas privadas que participam de projetos como este e nos convidam a contar nossos relatos em seus locais de trabalho. A cartilha *Confie no Amor, Conselhos para Mães e Pais de pessoas LGBTQIA+*, é a primeira publicação a compartilhar nossas experiências com outras mães e outros pais. Ela não tem a pretensão de impor regras ou de ser definitiva. Simplesmente queremos dizer: “Olá, seja bem-vindo e bem-vinda! Senta aí, vamos te contar nosso lado da história”.

Amor para todes!



MAIO DE 2024



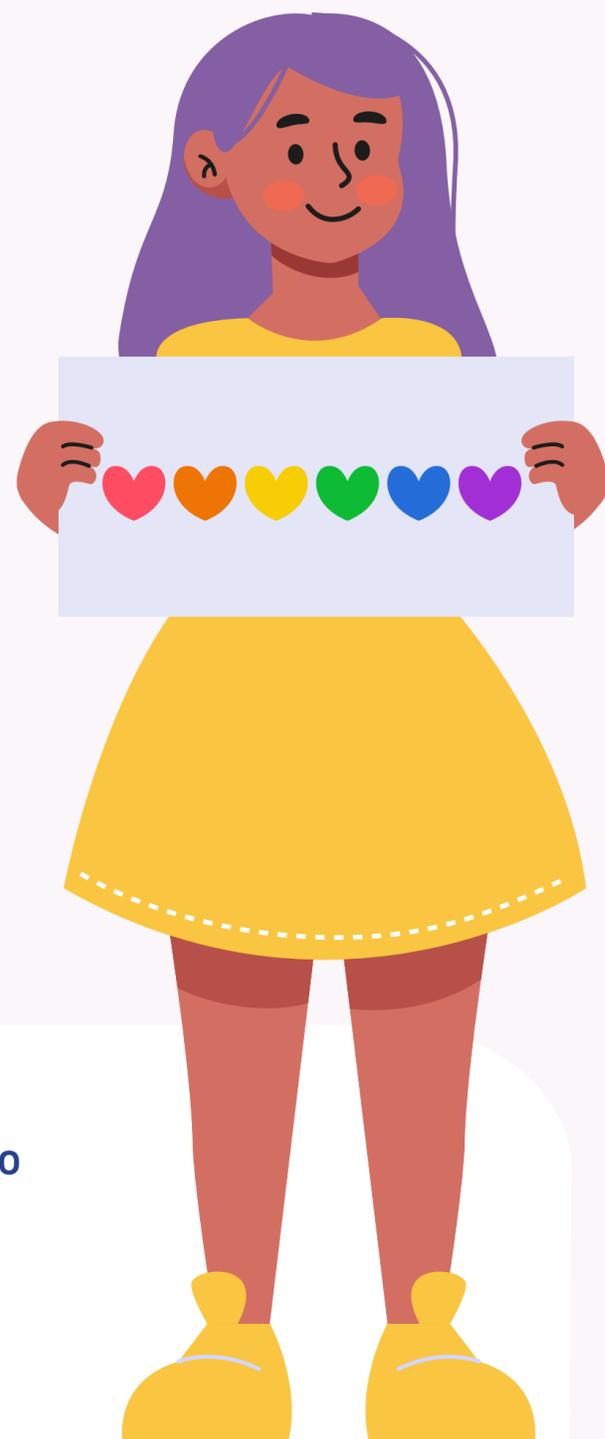
Uma explicação sobre a linguagem que adotamos nesta publicação:

Apesar de usarmos a linguagem formal ao nos dirigirmos às mães, aos pais e responsáveis, incorporamos a linguagem inclusiva, sempre que possível, além de alguns termos da linguagem neutra na nossa comunicação. É o caso de **todes** (no lugar do masculino todos) e **filhes** (para representar o plural de filha, filhe e filho). Pode parecer estranho para alguns, mas vale a pena enfrentar algum desconforto. A língua expressa nossos valores e crenças – e nós acreditamos na diversidade, na inclusão e na importância de dar visibilidade aos nossos filhes.



Criamos um dicionário de palavras básicas

para te ajudar a entender este universo diverso. Quando você clicar em uma expressão que talvez não conheça, vai encontrar uma explicação no dicionário, que está no final desta cartilha.



Esta publicação não é acadêmica e nem tem a pretensão de ser definitiva. A cada dia, aprendemos um pouco mais sobre a vasta riqueza da diversidade LGBTQIA+. Nossas escolhas de linguagem e de explicação visam guiar os primeiros passos de pais, mães e responsáveis por crianças e adolescentes LGBTQIA+.





BLOCO

**Você
com
você**

CAPÍTULO 1

A descoberta



Vamos começar pelo começo: a hora em que sua filha diz “Eu sou lésbica”, seu **filho** diz “Eu não me identifico com tal gênero” ou seu filho revela que é gay, bissexual ou assexual, por exemplo. Algumas mães e alguns pais desconfiavam. Mas outros, até a hora da saída do armário, não faziam ideia – nem sempre existem os tais sinais clássicos de diversidade de gênero e orientação sexual.

É disso que vamos falar aqui, do instante definido como “uma bomba” ou “tudo bem, eu já sabia”. Em ambos os casos, a situação pode trazer angústias e dúvidas. Por isso, separamos aprendizados que podem ajudar se a aflição bater.



1 Não é uma escolha ser homossexual, homem trans, mulher trans, assexual ou bissexual. Assim como ser heterossexual e cisgênero também não são opcionais. As pessoas são o que são. Elas **não escolhem** amar alguém do mesmo sexo ou se identificar como sendo de outro gênero.

2 Seu mundo não vai acabar. Calma. Respira. Isso não está acontecendo só com você. Existem milhões, bilhões de outros pais e mães no mundo com filhas LGBTQIA+. Faça uma lista do que realmente importa na vida. Apoiar sua criança ou seu adolescente ou lidar com as críticas da família? Com o tempo, tudo vai se ajeitando, acredite.

3 Filhos continuam iguaizinhos. Você é que não os via por inteiro. Escute seu coração. Ele não continua batendo igual pela sua filha, filho e filho? A alma e o coração deles não mudaram também. Todos os momentos em que vocês estiveram juntos, do nascimento até agora, não vão deixar de existir. A diferença é que agora eles estão se mostrando por inteiro, sem precisar esconder uma característica fundamental da identidade.

Filhos precisam de amor, de respeito e de inclusão.

Filhos precisam de carinho, de colo, de saber que têm casa para voltar.

Filhos precisam de futuro.

É nisso que nós, das Mães pela Diversidade, acreditamos.



“Reinventar-se é construir uma nova identidade para nós, mais ou menos o que nossos filhos tiveram de fazer para eles.”

EDITH MODESTO, EM TRECHO DO SEU LIVRO MÃE SEMPRE SABE? MITOS E VERDADES SOBRE PAIS E SEUS FILHOS HOMOSSEXUAIS



CAPÍTULO 2

Jornada dos Pais: as emoções que nos atropelam



Alguns especialistas acreditam que mães e pais de pessoas LGBTQIA+, assustados pela saída do armário, podem trilhar uma jornada de vários passos até tudo ficar bem. Segundo a ong norte-americana [Strong Family Alliance](#), a jornada se compõe de sentimentos de **negação** (achamos que vai passar), de **tristeza** (perda de expectativas em relação aos filhos), e até **raiva** (“por que isso aconteceu justamente comigo?”).

Além desses sentimentos, destacamos **seis estágios** da jornada, muito comuns entre as Mães e os Pais pela Diversidade.

1.

Culpa. O que eu fiz de errado?

A quantidade de mães e pais que se faz essa pergunta é impressionante. Uma mãe pode se sentir culpada ao achar que a educação que deu aos filhos não foi adequada. Para esta mãe, dizemos: ninguém influencia identidade de gênero ou orientação sexual. Se isso fosse verdade, nossos filhos teriam a mesma orientação sexual que a nossa, certo?

Temos aprendido uma coisa sobre a famosa culpa das mães: ela é como um vírus que se espalha em qualquer terreno fértil. Dela, nada construtivo floresce. Adianta ficar se remoendo e se maltratando? Não, não adianta.



Ser LGBTQIA+ não é um erro e, por isso, ninguém é culpado, muito menos a mãe.

“Dá uma dor no coração quando eu lembro que eu dizia para o meu filho pequeno: anda direito, Vitor. Aí, ele caminhava na minha frente e dizia: Olha, mãe, estou andando direito, não é assim que a gente anda? Eu dizia: Não!”

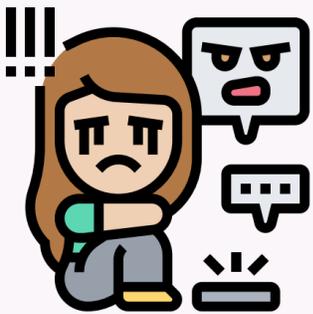
ANDREA, MÃE PELA DIVERSIDADE DE FLORIANÓPOLIS, SC



2.

A vergonha: O que os outros vão pensar?

A vergonha costuma desestabilizar muitas famílias. “O que meus amigos do futebol vão dizer quando souberem que meu filho é gay”? “Como eu vou contar para minha mãe que a neta dela gosta de mulheres?” Nós costumamos acreditar que filhas nos refletem, são como um cartão de visitas da família, por isso temos medo do julgamento alheio. O sentimento de vergonha pode brotar até mesmo quando você sempre se definiu como alguém sem preconceitos.



Como a culpa, a vergonha é um sentimento compreensível e.... totalmente improdutivo.

“Quando eu soube que o meu filho era gay, veio uma mistura de sentimentos, mas o que me bateu mais foi um sentimento de ‘Nossa o que que os outros vão dizer? O que meus amigos vão pensar?’ Aí, eu percebi que não estava muito preocupado com meu filho, estava mais preocupado comigo. Duas coisas tinham acontecido naquele dia: descobri que tudo que eu pensava sobre sexualidade não era verdade e descobri também que eu era homofóbico. Meu mundo veio abaixo.”

WASHINGTON, PAI PELA DIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SP



“Aos 13 anos, nosso filho nos disse que era um menino gay. No primeiro momento, você se sente isolada, diferente de todo mundo. Mas quando você percebe que existem várias outras mães em um lugar parecido com o seu, você se sente acolhida, pertencente. Estar em um grupo da diversidade é uma forma de falar para o seu filho: eu te aceito, eu te amo e vou lutar por você.”

JULIANA, MÃE PELA DIVERSIDADE DE FORTALEZA, CE

PARA A VERGONHA DESAPARECER

A gente tem vergonha quando está isolada e sozinha. A melhor receita, testada e aprovada nos nossos grupos, para superar o sentimento de vergonha: procure outras pessoas que passaram ou estão passando pela mesma situação que você.



3.

O medo e as preocupações

Não vamos mentir para você. Sim, pessoas LGBTQIA+, especialmente as transgêneras, sofrem mais bullying e estão mais expostas à violência. Não importa se nossos filhos são crianças ou já se tornaram adultos: sempre ficaremos ansiosos, temerosos do que possa acontecer com eles nas ruas. Além disso, nos preocupamos se eles vão ter dificuldades para ter amigos, se vão ser convidados para as festas. Nos inquietamos com o futuro. Mais adiante, vamos voltar ao tema, com dicas sobre como conversar sobre a violência, o preconceito, a saúde mental e sexual com seus filhos. No entanto, se você se sente muito ansiosa ou ansioso:



1

Procure alguém com quem **desabafar** – outros pais, amigos ou terapeutas.



2

Mesmo estando assustada/o, tente não contaminar os filhos com sua ansiedade. Prefira se guiar pela **bússola da normalidade**.

“As pessoas acreditam que as famílias de pessoas LGBTQIA+ são sofredoras. Isso não é verdade. Depois que nós nos reformulamos, que aprendemos a amar e ajudar os nossos filhos exatamente como eles são, nós nos tornamos pessoas melhores, mais felizes. A única coisa que estraga essa felicidade é o preconceito da sociedade”.

THELMA, MÃE PELA DIVERSIDADE DE PORTO BELO, SC



4.

A busca pelo conhecimento: um zilhão de perguntas

Nesta fase, começa a busca voraz por informação. A gente fuça na internet, vai ver vídeos, assistir filmes, ler matérias e livros sobre a diversidade. Chega uma hora em que você já domina um pouco do novo universo. Mais ainda, começa a perceber que tem muito a aprender com seus filhos.

TRÊS CONSELHOS:

1



Siga **perfis pró-diversidade** e fuja de perfis homofóbicos nas redes sociais.

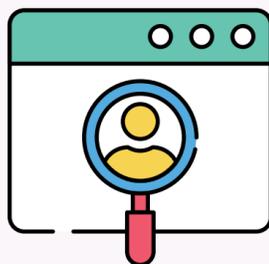
2



Busque informações em **sites de pessoas LGBTQIA+** e de grupos de pais e mães que defendem seus filhos.

3

Confie nos dados de instituições reputadas, como a ONU, e nos grandes jornais e portais. **Questione** fontes sem fundamento científico.



“A partir do momento que você vai atrás do conhecimento, que você descomplica a história, que todo o preconceito que foi colocado na gente se dissipa, então você fala, de boa, vamos seguir que a vida é bela.”

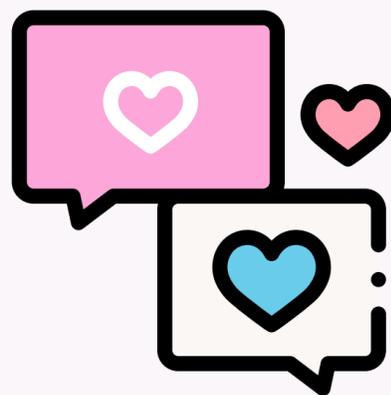
MARCIA, MÃE PELA DIVERSIDADE
DE SÃO JOSE DOS CAMPOS, SP



5.

Revisão de valores: mudar é bom

Você está começando a repensar crenças e valores? Este é um bom sinal. Quando mães e pais estão dispostos a entender seus filhos e se abrir para novos conhecimentos, eles próprios se enriquecem. Pode demorar e provocar crises existenciais. Mas, sem dúvida nenhuma, é uma mudança que resulta em ganho, não em perda.



“Infelizmente, minha filha teve que sofrer até os 32 anos de idade para conseguir se aceitar e se reconhecer como uma mulher trans. Não estou dentro dela para entender os sentimentos que a movem. E isso não cabe a mim. A mim, como mãe, cabe ajudar e fortalecer minha filha nesta caminhada. Eu admito que fiquei baqueada no começo, porque a gente sabe que o preconceito é ainda maior contra pessoas trans. Mas posso garantir que até o medo dela sofrer fica pequeno, insignificante, perto da alegria de ver minha filha desabrochando, de ver a luz brotar novamente nos olhos dela, de vê-la com vontade de viver. Isso, para mim, é o que importa.”

THELMA, MÃE PELA DIVERSIDADE DE PORTO BELO, SC

“Eu gosto de dizer que não pari o meu filho. fui parida por ele. Não foi uma história fácil. Sem querer criticar a religião, o fato de eu ter sido terrivelmente evangélica aumentou demais meu sofrimento durante a trajetória do renascimento do meu filho com homem trans. Mas diante de tanta violência, eu tive que fazer uma autorreflexão e entender que meu filho precisava de mim. Tive que me desconstruir para me construir novamente”

LA RUBIA, MÃE PELA DIVERSIDADE DO RIO DE JANEIRO, RJ



6.

Você também sai do armário

Depois de passar por todos estes estágios (nem precisa ser na ordem acima), a gente costuma desabrochar, assim como nossos filhos. Esta é a nossa hora de contar para o mundo que somos mães e pais de pessoas LGBTQIA+. Contamos para a família, conversamos com a escola, protestamos contra as injustiças. Viramos mães e pais de crianças, adolescentes e adultos LGBTQIA+ de outras famílias.



“Eu sou mãe de Duda e mãe de outros. Eu sou mãe de todos porque cada um que sofre é como se o filho nosso sofresse. Cada um que morre, cada um que é assassinado... A dor de cada um também é nossa dor. Então, a gente se coloca à frente para dizer para as famílias: ter filhos LGBTQIA+ não é um castigo.”

**DANIELA, MÃE PELA
DIVERSIDADE DE ARACAJU-SE**



CAPÍTULO 3

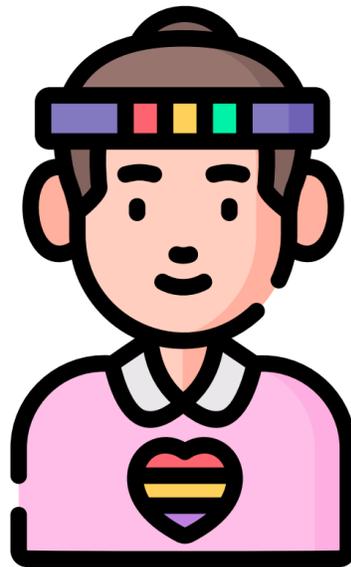
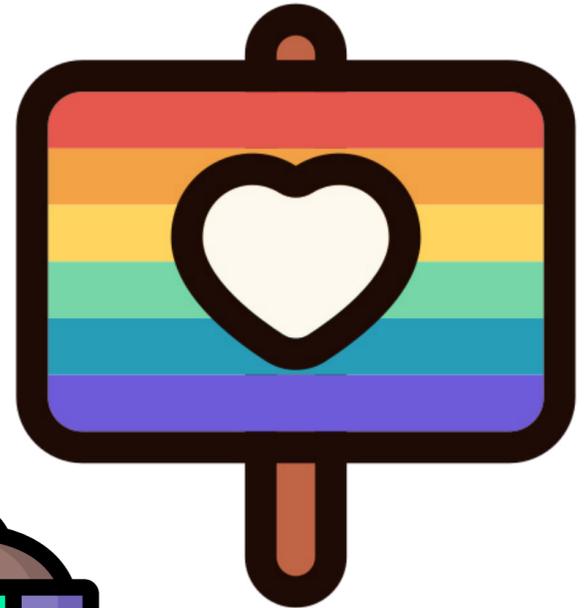
Pais que apoiam filhos desde o começo



Muitas mães e muitos pais, especialmente os que já convivem com pessoas LGBTQIA+ na família ou entre amigos, não se chocam com a descoberta da homossexualidade, da bissexualidade ou da transexualidade e mais dentro de casa. Temos visto, inclusive, situações em que mães se culpam (a culpa, de novo!) por não terem percebido, antes, a verdadeira identidade de gênero dos filhos.

Esses pais fazem parte de uma geração mais jovem e menos preconceituosa – embora a gente precise reconhecer que muitas avós apoiam seus netos com bastante naturalidade. Para esse grupo, a melhor maneira de enfrentar os desafios que se apresentam é pegar na mão dos filhos e caminhar lado a lado. **O QUE NÓS APRENDEMOS COM ELES:**

- 1 **Crianças LGBTQIA+ existem. Sempre existiram e sempre existirão.**
- 2 **É cruel e desumano ignorar ou reprimir uma criança que não se identifique com o gênero biológico.**
- 3 **Apoiar adolescentes LGBTQIA+ é a melhor maneira de investir na saúde mental. Na adolescência, as pessoas ficam mais vulneráveis e podem desenvolver vários transtornos, como a ansiedade.**



- 4 **Amor entre dois seres do mesmo sexo não deixa de ser amor.**

- 5 **O amor que inclui é melhor do que o que exclui.**

- 6 **Temos a obrigação moral e legal de proteger crianças e adolescentes, especialmente quando estão sob nossa responsabilidade.**





BLOCO

Você e os outros

CAPÍTULO 1

Você e sua filha, seu filhe e seu filho



Depois que você passou a entender suas próprias emoções, vem a próxima etapa: ajudar seus filhes nessa caminhada. A relação com os pais é decisiva para que crianças e adolescentes se sintam confiantes durante e depois da saída do armário.

Como diz o coletivo português Amplos (Associação de Mães e Pais pela Liberdade de Orientação Sexual e Identidade de Gênero) www.amplos.pt: “Quando as famílias reprimem ou castigam estas atitudes ou comportamentos [dos filhes LGBTQIA+], pela sua própria dificuldade em lidar com eles, as crianças deixam de os desempenhar à sua frente, passando a viver uma vida dupla e escondida”.

VEJA NOSSAS DICAS PARA APOIAR SEUS FILHES.

Pergunte-se: do que eles precisam?

Mostre interesse. Isso vai te ajudar a priorizar ações. “Como você quer ser chamado/a?” é um ótimo jeito de começar. Pergunte sobre as necessidades deles. Pode ser desde um corte de cabelo, a troca de um guarda-roupa inteiro, o uso do nome social, a mudança de escola ou mesmo uma palavra garantindo: “Estou aqui com você”.



Evite comparações

Cada ser humano é único. Por isso, evite comparações com outras pessoas e outras famílias. Claro que trocar figurinhas sobre suas experiências com outros pais e mães ajuda muito. Mas a vivência de sua filha, filho ou filho é pessoal e intransferível.



Mostre respeito

1

Não pressione seus filhas a saírem do armário. Por mais que a intenção seja a de facilitar, não podemos virar **protagonistas** das histórias deles.

2

Se sua filha, filho ou filho quiser te apresentar a **namorada ou namorado**, quer dizer que há confiança para isso. Abrace esse momento.

3

Use o **nome e os pronomes** escolhidos por eles. No começo, pode parecer difícil, mas a prática leva ao hábito.

4

Por mais que você desconheça expressões relacionadas à orientação sexual ou identidade de gênero, mostre que está **disposta a aprender**.

“Minha filha se entendeu como uma pessoa não binária e bissexual. Hoje, ela aceita os pronomes ela/dela, ele/delu. Enquanto for confortável para ela ser chamada assim, eu vou chamá-la assim.”

VANESSA, MÃE PELA DIVERSIDADE DE GUAÍBA, RS



Ajude seus filhos a lidar com os outros

Muitas vezes, as atitudes da sua filha, filho ou filho não serão compreendidas e bem-recebidas – e isso é bem difícil, especialmente quando falamos de crianças e adolescentes. Assegure que esse fato não faça com que eles reprimam sua identidade e seu jeito de expressar.



A sexualidade na adolescência LGBTQIA+ não é um bicho de 7 cabeças

É importante se convencer de que sua filha, seu filho e seu filho não estão destinados a ter vidas amorosas e sexuais menos saudáveis do que as das pessoas não LGBTQIA+. Conversas e orientações sobre amor, autorrespeito e sexo seguro valem para todes. **ANOTE AÍ:**

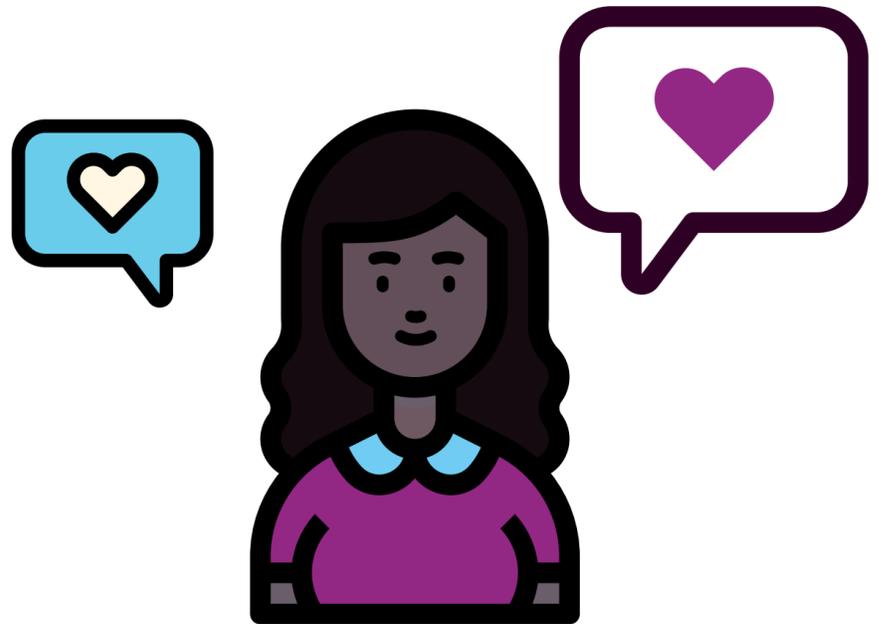


- 1 Não tem nada de errado em não ser cis ou hetero. Estimule seus filhos a revelarem ao profissional de saúde sua identidade de gênero e/ou orientação sexual, assim ele poderá dar as orientações corretamente.
- 2 Os profissionais de saúde têm o dever de respeitar e orientar adolescentes LGBTQIA+ quanto às necessidades específicas de cada um.
- 3 Mostre que relacionamentos LGBTQIA+ são normais; incentive os filhos a namorar de uma forma saudável e adequada à idade.
- 4 Lembre a seus filhos que seus corpos devem ser respeitados por adultos e colegas. Eles devem dizer não sempre que se sentirem desconfortáveis.



Escuta, coração!

Você já ouvir falar sobre escuta ativa e comunicação não violenta? Elas ajudam a diminuir conflitos gerados pela dificuldade na comunicação. **PARA APLICÁ-LAS:**



- 1 Abram um espaço para a conversa entre vocês, sem a interferência de outras tarefas, urgências e outros pensamentos.
- 2 Proponham um horário para que todos possam se programar.
- 3 Peçam para que uns escutem aos outros e respeitem o momento de fala de cada um.
- 4 Mostrem que vocês estão presentes e dispostos a ouvir.
- 5 Tentem não julgar.
- 6 Evitem alterar o tom de voz, xingar ou mesmo sair sem a conversa ter acabado.
- 7 Quando fizerem perguntas, tentem repetir o que ouviram para confirmar se entenderam corretamente. Exemplo: “Deixa eu ver se entendi, você disse que não gosta de meninos, certo?”. Caso não tenha sido isso que foi dito, escutem mais uma vez e confirmem novamente.
- 8 Ao final da conversa, ofereçam acolhimento e deixem claro que vocês não são perfeitos, mas que estão se esforçando e se mostrando abertos a ouvir.



“Não diga ‘Eu te amo, não importa se você é gay ou lésbica ou trans.’ Na verdade, tudo importa. Importam as escolhas deles, o jeito que eles se vestem, as palavras e linguagens que eles utilizam. Assim como importa o que a gente aprende durante esse percurso para nos tornarmos mães melhores.” KRIS, MÃE PELA DIVERSIDADE DE GUAÍBA, RS

CAPÍTULO 2

Como contar para a família

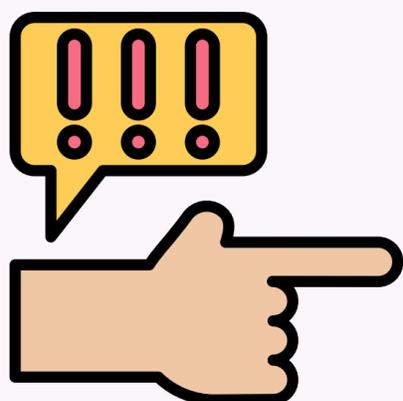
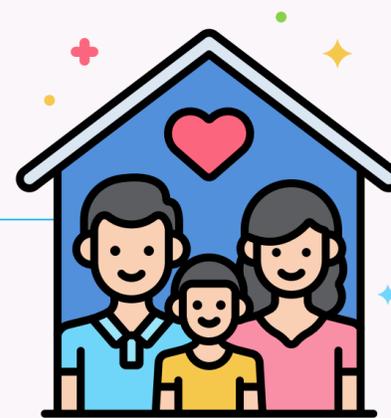


É hora de falar com as pessoas mais próximas e contar sobre um novo capítulo dessa história, respeitando o tempo de seus filhos. Pode parecer uma missão quase impossível em alguns casos, mas acredite: o diálogo e um posicionamento claro podem ajudar e muito.

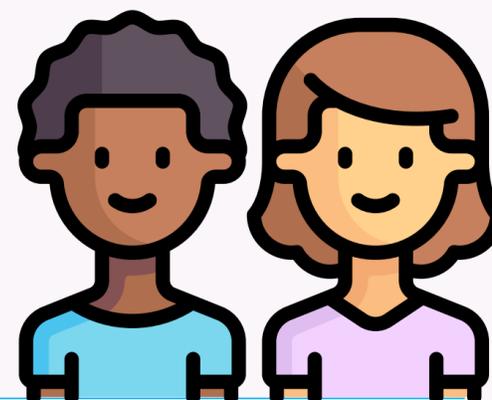
No caso de um companheiro ou uma companheira resistente

Você já deve saber como pensa e se comporta a pessoa que compartilha a vida com você. Assim, tente conduzir um papo franco, expressando seus sentimentos, medos e dúvidas. Mas também **deixe claro seu apoio** à filha, filhe ou ao filho de vocês. Compartilhe o que aprendeu até aqui. Explique que ter uma filha, filhe ou filho LGBTQIA+ não tem nada de errado, mostre a ele ou a ela os estágios da Jornada dos Pais.

CONVIDE-O OU CONVIDE-A A LER ESSA CARTILHA.



→ **LEMBRE-SE:**
nessas situações,
pode ocorrer um jogo de culpa
entre os companheiros.
Não caia nessa.



Para falar com os irmãos

A comunicação aberta e honesta (e adaptada para as diferentes idades) é fundamental para que o ambiente em sua casa seja o mais acolhedor possível. É importante não fazer um grande drama da situação.

TRATE O ASSUNTO COM TRANQUILIDADE, AFETO E NATURALIDADE.



→ **VALE DIZER:**
crianças podem nos surpreender com
sua capacidade de entendimento e
simplicidade em lidar com assuntos
que nós, adultos, achamos delicados.



E o restante da família?

Avós, tios, primos... Entre as Mães pela Diversidade, as pessoas encontram formas criativas de se comunicar com os familiares – há quem escreva cartas, há quem faça festas...

DE QUALQUER MANEIRA,
OBSERVE ALGUNS PONTOS:



1

Seja firme ao se posicionar a favor da filha, filhe ou filho, não importa o que você vá ouvir dos familiares.

2

Não espere que todos abracem as novidades da mesma forma que você. Pessoas da mesma família têm vivências distintas, seja pela idade ou o meio social, cultural ou religioso em que estão inseridas. Também eles têm um tempo particular para absorver as novidades.

3

Use seu direito de **escolher** com quem você vai se relacionar entre os familiares. Vocês não são obrigados a conviver com pessoas hostis.

“Meu filho me disse que era uma pessoa trans. Moramos, eu e minha irmã. Então, a primeira pessoa a saber foi ela. Eu fui segura, direta, sem perder a ternura. Foi assim com todos os meus irmãos e, também, com meus filhos. Não deixei margem para comentários, nessa conversa, ficou implícito: quem não estiver de acordo em respeitar meu filho, adiós. Meu filho estava, esteve e está, em primeiro lugar na minha vida.”

MARISE, MÃE PELA DIVERSIDADE DE CURITIBA, PR



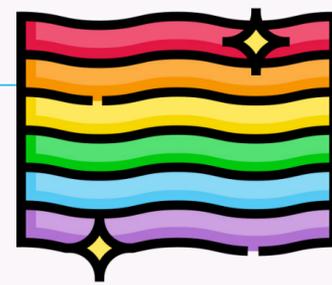
CAPÍTULO 3

Como lidar com a escola



A escola deveria ser um lugar acolhedor e inclusivo, como prevê a nossa legislação. Mas, infelizmente, nem sempre é assim. Por isso, responsáveis, mães e pais de crianças e adolescentes LGBTQIA+ precisam estar bem atentos ao que acontece no ambiente escolar.

Marque uma reunião



Assim que puder, fale diretamente com a direção e esclareça pontos importantes e inegociáveis em relação ao bem-estar e à saúde física e mental de sua filha, filho e filho. Na maior parte das escolas, você saberá mais do que os educadores sobre o universo LGBTQIA+.

- 1 Fale da importância de uma criança e um adolescente se sentirem apoiados em um espaço onde acontece a socialização. situações de discriminação. vistos como tipicamente masculinos ou femininos.
- 2 Cobre da direção que haja pessoas LGBTQIA+ no corpo docente, uma forma de enviar sinais positivos para os estudantes.
- 3 Cobre dos professores que eles interfiram em caso de desrespeito, de piadas maldosas e de situações de discriminação.
- 4 Convoque-os a encorajar as crianças a se expressarem livremente, sem julgamento nem repressão.
- 5 Peça que não separem as crianças por gênero em jogos e brincadeiras vistos como tipicamente masculinos ou femininos.



“Fiz uma busca de várias escolas. As pessoas não conhecem conceitos básicos. Na escola onde eu matriculei, senti que a insegurança vinha do desconhecimento. Então, expliquei que o nome social precisava estar na lista de presença e nos documentos da escola. Fiz um registro de toda a legislação que falava do nome social e das penalidades para as escolas que não cumpriam a lei. O que aconselho para as mães: estudem leiam, conheçam, se inteirem. O preconceito vem da falta de conhecimento.”

CERES, MÃE PELA DIVERSIDADE DE CUIABÁ, MT



Se aproxime de mães e pais dos colegas

Mães e pais de crianças e adolescentes LGBTQIA+ e mães e pais aliados podem ajudar a identificar bullying, além de promover os direitos de seus filhos na escola. Fale sobre sua experiência como mãe, pai ou responsável nas reuniões convocadas pela direção, incentive a escola a abrir espaço para palestras sobre o tema, crie grupo em aplicativo de mensagem para trocar informações. Não se preocupe em ser vista como militante ou insistente.



→ **ACREDITE:**
vale a pena ser ativista pelos direitos de crianças e adolescentes.



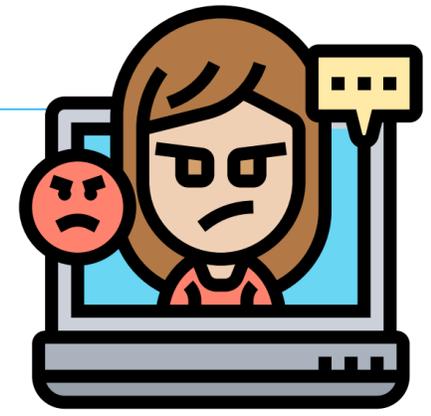
“Temos uma compreensão de que a sociedade está configurada na escola e a escola reflete isso e vice-versa. Então, como a gente estabelece uma relação de respeito às diferenças no cotidiano escolar que ultrapasse os muros da escola e alcance toda a sociedade?”

MARIA CECILIA, MÃE PELA DIVERSIDADE DE NITERÓI, RJ

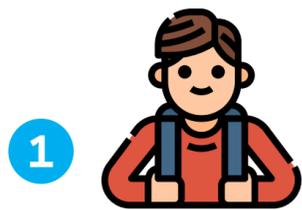


Fale de bullying

Explique à filha, filhe e ao filho que piadas, ofensas, xingamentos e agressões físicas não devem ser aceitos como brincadeiras dos colegas. Garanta que sua casa seja um espaço acolhedor para conversas sobre o que se passa no ambiente escolar. Algumas vezes, por medo de retaliação, por vergonha ou insegurança, filhes podem deixar de contar aos pais que são vítimas de bullying.



POR ISSO, É IMPORTANTE PRESTAR ATENÇÃO AOS SINAIS:



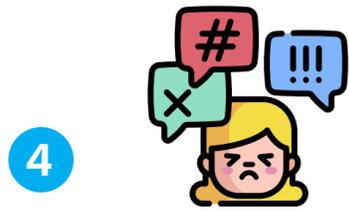
1
Falta de interesse nas aulas



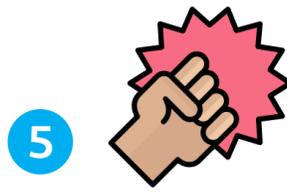
2
Hematomas constantes



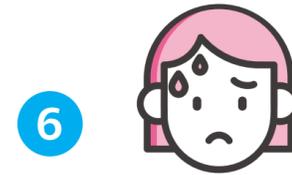
3
Isolamento social



4
Baixa autoestima (não identificada anteriormente)



5
Irritabilidade fora do comum



6
Mudança brusca de comportamento e de amizades

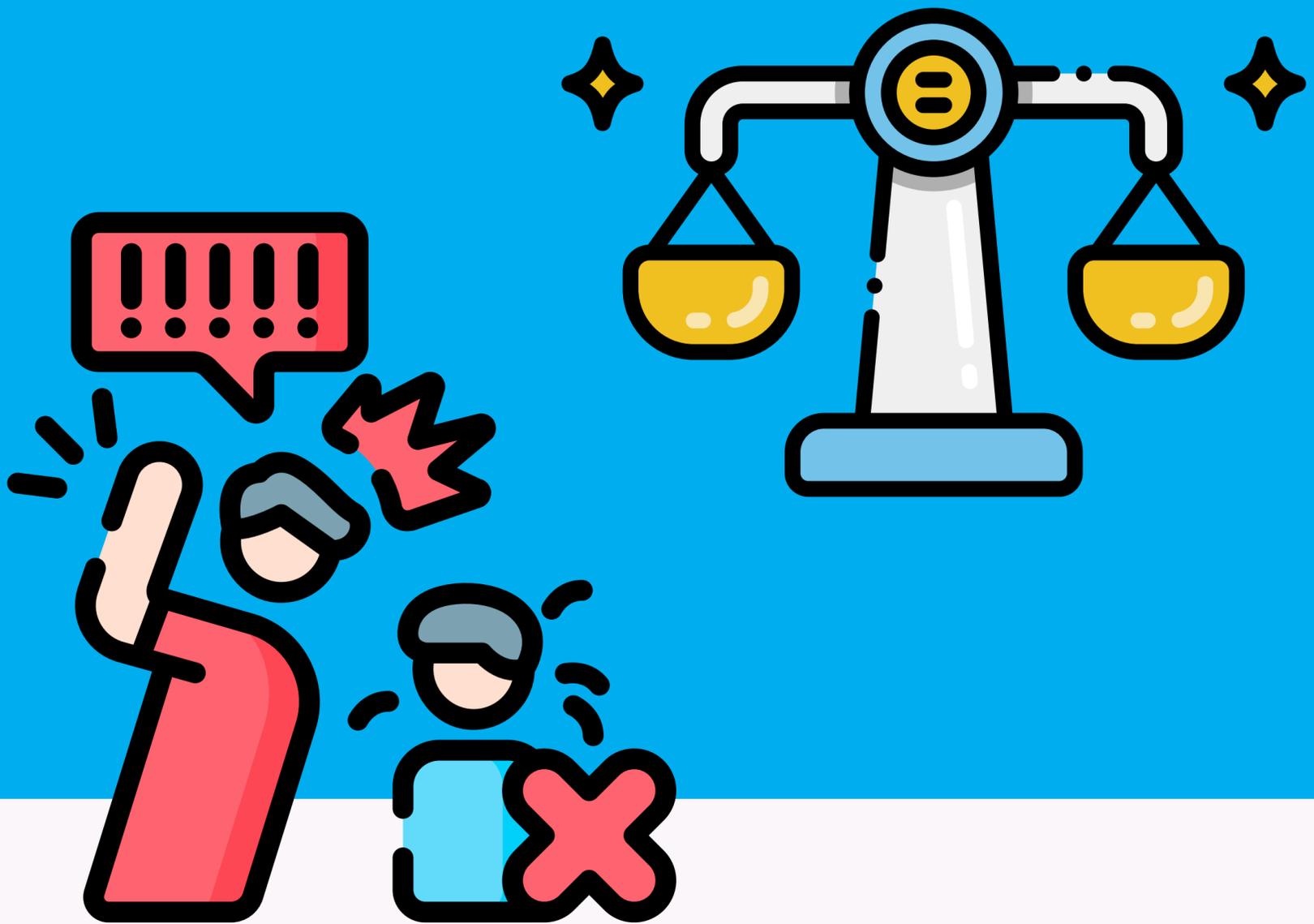
“Assim como todo mundo, eu conheci a criança LGBTQIA+ antes de ter um filho LGBTQIA+. É aquela criança que sentava sozinha porque ninguém queria se sentar do lado dela na classe, que tomava lanche sozinha, que ninguém convidava pro jogo ou pra festa, que ninguém escolhia na Educação Física.”

MAJU, MÃE PELA DIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SP



CAPÍTULO 4

Perigos e direitos



Desde que nos tornamos mães e pais, a segurança dos filhos talvez seja a maior de nossas preocupações. Sabemos que ter uma filha, filhe ou filho LGBTQIA+ torna isso ainda mais intenso porque as notícias e os dados com os quais temos contato podem ser assustadores.

Por exemplo, a pesquisa sobre o Ambiente Educacional no Brasil¹, mostrou que, por causa de sua orientação sexual ou identidade e expressão de gênero:



CERCA DE

1/4

foram dos estudantes LGBT foram **agredidos fisicamente**.



CERCA DE

70%

foram **agredidos verbalmente**



QUASE

40%

no mesmo estudo, disseram que **ninguém da família falou com a escola sobre as agressões**.



COM ISSO, DÁ PARA PREVER O RESULTADO:

2x

mais provável que **FALTEM ÀS AULAS**

1,5x

mais provável que **FIQUEM DEPRIMIDOS**

Se o aluno ou a aluna for afrodescendente, a vulnerabilidade aumenta, pois acontece a interseccionalidade, a sobreposição de preconceitos sociais em relação à etnia, orientação sexual e identidade de gênero.



DAS **442** denúncias de violência contra pessoas LGBTQIA+ em 2022

316 eram contra **homens gays, a maioria, negros²**

“O racismo e a transfobia não dão trégua, mas a minha luta por uma sociedade melhor para meu filho e outras pessoas como nós, também não. Busco fazer da nossa casa um espaço seguro de amor e fortaleza. Mas ainda precisamos de políticas públicas voltadas para a atenção interseccional à vida da população negra e LGBT nesse país.”

NAJARA, MÃE PELA DIVERSIDADE DE ALAGOINHAS, BA

1 De 2016, publicação da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT)

2 Dados coletados junto ao Ministério da Mulher, da Família e dos Direitos Humanos (MDH) pela Alma Preta Jornalismo



“Em 2023, durante a Prova Paulista, vestibular do estado, meu filho teve o nome antigo chamado em voz alta pela fiscal de sala. Muitos alunos desconheciam esse nome, e o ocorrido causou um desconforto imenso. Foi extremamente violento para ele, um garoto trans. Registrei denúncia por meio da Defensoria Pública para que nenhum outro adolescente transgênero passe pelo mesmo constrangimento e pela mesma violência.”

ANA MARIA, MÃE PELA DIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SP



Esse tipo de dado não está aqui para produzir aflição. Nosso objetivo é mostrar como crianças e jovens LGBTQIA+ são mais vulneráveis do que a média da população.

Por isso, precisamos estar bem informados para acionar os direitos dos filhas.

Por isso, precisamos lutar para mudar essa realidade. Somar esforços para defender os direitos de pessoas diversas é muito mais poderoso do que parece.

Apesar de tudo que você acabou de ler, queremos garantir: nenhum de nós está condenado a ter um futuro triste. Podemos alertar, orientar e cuidar, mas sem esquecer de que nossos filhas merecem e devem ter uma vida plena. Ter uma postura otimista alivia a pressão sobre toda a família.



Para levar na bolsa: DIREITOS BÁSICOS



LGBTQIA+FOBIA É CRIME

Toda agressão ou discriminação praticada em razão da identidade de gênero ou da orientação sexual configura **crime de racismo**. Pena de 1 a 3 anos de prisão. (Decisão do STF de 2019 incorporada à Lei do Racismo, 7716/1989).



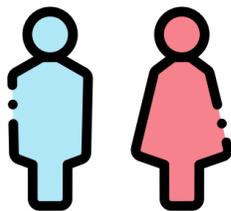
NOME SOCIAL

Toda pessoa trans, inclusive crianças e adolescentes, **tem o direito de inserir o nome social** na cédula de identidade (Decreto nº 10.977/2022) e de ter o nome social respeitado na escola (Portarias MEC nº 1.612/2011 e 33/2018), no sistema de saúde (Portarias nº 1820/2009 e 2.803/2012 do Ministério da Saúde) e no trabalho (Nota Técnica MPT/Coordigualdade nº 02/2020).



RETIFICAÇÃO DO NOME EM DOCUMENTOS

Toda pessoa trans ou travesti maior de 18 anos de idade pode obter uma **nova certidão de nascimento** depois de alterar o nome e o gênero no cartório de Registro Civil de Pessoas Naturais. (STF-ADI 4.275 e Provimento CNJ nº 149/2023).³



USO DE BANHEIRO

Nas escolas, o uso do banheiro, de acordo com identidade e/ou expressão de gênero, **deve ser garantido**. (Resolução nº 02/2023 do Conselho Nacional de Direitos da Pessoa LGBTQIA+).



→ SAIBA MAIS: sobre nome social e outros direitos clicando [aqui](#).

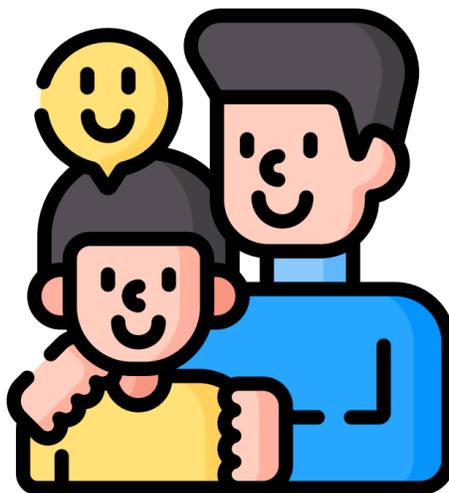
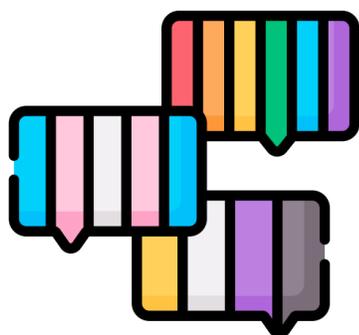


“Muitos direitos são negados aos nossos filhos. Por quê? Eles são pessoas honestas, trabalham, estudam, pagam impostos. Então, não queremos nem mais nem menos. Queremos apenas direitos iguais.”

CLARICE, MÃE PELA DIVERSIDADE DE SÃO PAULO, SP

³ Não é necessária apresentação de qualquer laudo médico ou psicológico, de comprovação de realização de cirurgia de modificação corporal ou terapia hormonal





Como aumentar a segurança

- 1 Não fuja da conversa sobre os riscos.
- 2 Ofereça apoio às ideias que surgirem – como um curso de defesa pessoal, por exemplo –, mas não force nem aterrorize.
- 3 Sem drama, estabeleça combinados sobre horários e troca de mensagens.
- 4 Incentive seus filhos a formar uma rede de apoio com colegas de escola e amigos.
- 5 Caso sua filha, filhe ou filho sejam adultos e sofram alguma violência, explique que eles devem exigir que a agressão seja registrada como LGBTfobia no boletim de ocorrência da delegacia.
- 6 Em situações de agressão, oriente seu filho a não revidar, a chamar testemunhas e registrar o máximo que conseguir.

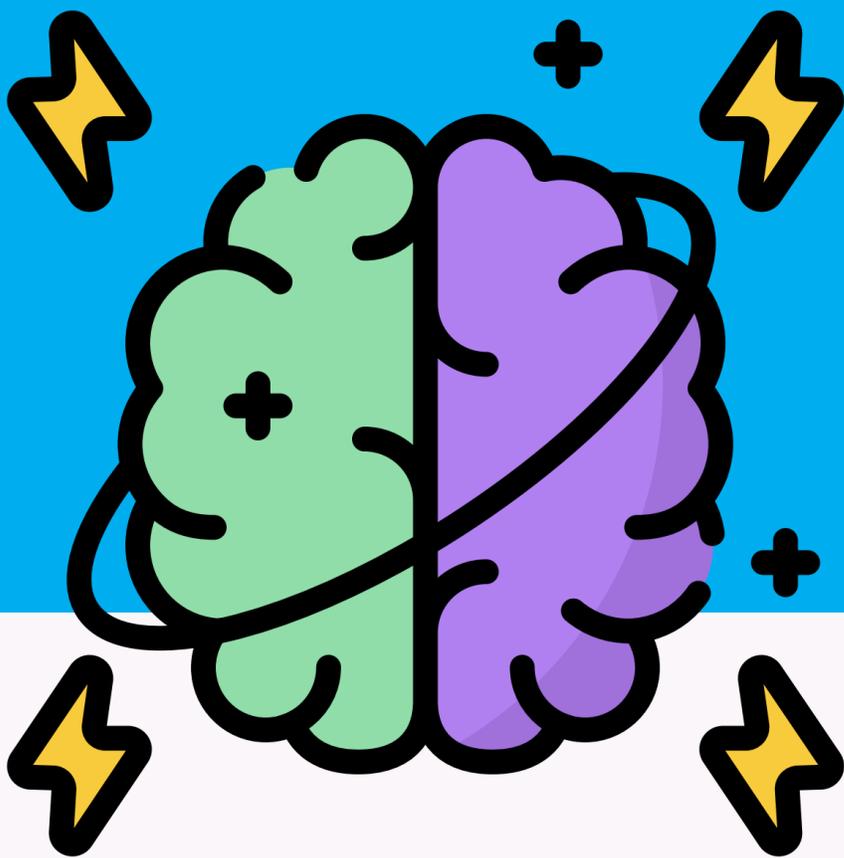


→ SAIBA MAIS:
O spray de pimenta ainda não está regulamentado no Brasil e seu uso pode ser considerado contravenção penal.



CAPÍTULO 5

Ponto de atenção: a saúde mental



Como muitas pessoas LGBTQIA+ enfrentam desafios nos ambientes que frequentam, surge um segundo fator de preocupação: a saúde mental. Segundo a organização Mental Health America, dos Estados Unidos, adolescentes LGBTQIA+ apresentam:

6x

mais probabilidade de apresentar **sintomas de depressão**.

2x

mais probabilidade de ter **ideias suicidas**.



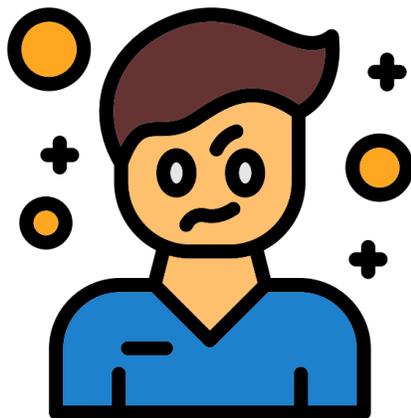
Quer dizer então que sua filha, filhe ou filho são mais propensas a sofrer com depressão e ansiedade por serem LGBTQIA+? Não! A vulnerabilidade ao sofrimento psíquico resulta de um contexto de rejeição e não da orientação sexual e/ou identidade de gênero. Quando contam com o apoio da família, principalmente na infância e na adolescência, pessoas LGBTQIA+ se tornam mais capazes de enfrentar as adversidades com resiliência.

JOVENS LGBTQIA+ ACOLHIDOS PELOS PAIS SÃO MENOS PROPENSOS A:



1
Depressão

2
Infecções
Sexualmente
Transmissíveis
(ISTs)



3
Suicídio

4
Uso de drogas
e álcool⁴

⁴ *Influência dos Pais na Saúde de Adolescentes Lésbicas, Gays e Bissexuais: o que os Pais e as Famílias Devem Saber*, publicação do Center for Disease Control and Prevention, agência de proteção à saúde pública dos Estados Unidos



“O filho de uma mãe pela diversidade de Aracaju, um jovem trans, foi abordado de forma truculenta pela polícia. Foi obrigado a levantar a blusa para o policial ver o que era um ***binder***. Esse menino ficou totalmente traumatizado.”

**ALESSANDRA, MÃE
PELA DIVERSIDADE
DE ARACAJU, SE**





Devo procurar um terapeuta ou um médico?

Como a homossexualidade e a transexualidade não são doenças, **não é obrigatório que você procure um psicólogo ou um psiquiatra.** Mas a terapia pode ajudar seus filhos a se fortalecerem para lidar com as dificuldades que venham a enfrentar.

Fuja de psicólogos que promovem “cura gay” e outras aberrações. Desde 1999, o Conselho Federal de Medicina diz: “os psicólogos não exercerão qualquer ação que favoreça a patologização de comportamentos ou práticas homoeróticas, nem adotarão ação coercitiva tendente a orientar homossexuais para tratamentos não solicitados”.

“Tem gente que diz: deixe as crianças serem crianças. Pois é, a criança não pode ser criança sem ter uma vida digna. Quer dar uma vida digna para a criança? Deixe ela ser o que ela sente que tem que ser. Sem impor comportamento, vestimenta, condutas. A infância precisa ser escutada, cuidada para que, sim, as crianças possam ser crianças.”

**CATARINA, MÃE
PELA DIVERSIDADE,
DE MONTEVIDÉU,
URUGUAI**





BLOCO



Crianças e adolescentes trans



Relato de uma mãe de adolescente trans

“Quero falar com você, mãe ou pai de uma pessoa trans, em primeira pessoa, porque talvez essa seja a melhor maneira de estarmos mais próximos. Me chamo Gabriela Kimura, mas pode me chamar de Kimu e tenho 50 anos. Há 15 anos, engravidamos, eu aos 35 e meu companheiro aos 44, com alegria, expectativas, medos e incertezas, como muitas das famílias que conheço.

De lá pra cá, tentamos criar um ambiente mais livre possível de estereótipos de gênero, como cor disso ou daquilo, brinquedos de menino ou menina e por aí vai. Claro que nem sempre dá certo o tempo todo: vivemos em uma sociedade ainda heteronormativa e isso se estende pra quase tudo que está à nossa volta.

Aos 12 anos, nosso filho nos chamou para dizer, com os olhinhos cheios d'água, que não se identificava como uma menina. Para nós, não foi uma surpresa e nem uma certeza (nossa criança não deu aqueles sinais que a gente costuma ouvir em outras vivências, de não gostar de vestir roupa de 'meninas' ou de apresentar disforias durante esse período). Nos acolhemos, os três ali agarrados no sofá da sala. E repetimos quase como num mantra que estaríamos mais unidos ainda dali por diante.

Mamãe está bem (só que não!)

Na mesma noite, já na cama, quem disse que eu conseguia dormir? Notícias e estatísticas horrorosas não paravam de rodar na minha cabeça. Dei saltos no futuro de 5, 10, 20 anos. E em todas as etapas da vida do meu filho pré-adolescente estavam cheias de 'E se...' E se ele quiser usar outro banheiro? E se ele achar que o mundo não é pra ele? E se ele não conseguir um emprego simplesmente por ser quem é?

Chorei baixinho e o sono finalmente me venceu.

Mãe, menos!

Na manhã seguinte, achei que poderia resolver todos os desafios. Liguei para um amigo próximo que tem um projeto lindo ligado à população LGBTQIAP+. Pedi orientações, indicações e tentei me adiantar em tudo o que eu podia. Nem preciso dizer que falhei terrivelmente, né?

Porque não é assim que funciona. Tive que meter o pé no freio. E entender que o tempo era todinho dele. Tempo pra dizer quando e com quem compartilhar seu nome social. Pra se entender por fora e por dentro. De sinalizar o momento certo pra contar pros familiares. De amadurecer bem mais pra frente as questões de orientação sexual.... E na tentativa desesperada de proteger o meu filho, deixei de existir um pouco para coabitar a vida dele. Acontece. Mas a gente precisa aprender a pedir ajuda.

Mãe retoma, aos poucos, o controle da própria vida

Mais de dois anos se passaram até aqui. As coisas foram encontrando seu ritmo e posso dizer que estamos indo bem. Entre alguns tropeços, atalhos ou pistas sinuosas, caminhamos e comemoramos pequenas conquistas. E aprendemos a valorizar a individualidade no respeito e na conversa franca. Estou redescobrando que não sou só mãe, tenho outros papéis na vida. Mas confesso aqui, só pra você, que aquela sirene vermelha está sempre ligada (mesmo que escondida dentro da bolsa). Nem sempre é fácil passar o bastão da autonomia pro meu filho, sem eu entrar no meio com todas as aflições que eu andei colecionando até aqui.



Nem todo mundo vai te entender

Ter um filho trans de quase 15 anos não é igual a ter qualquer outro adolescente cis e posso provar: atividades esperadas nessa fase como práticas esportivas coletivas, viagens com a escola, entrar na piscina, dormir na casa de amigos, idas a shows... muitas vezes implicam esforço individual e coletivo enorme. O que eu posso dizer é que o processo, muitas vezes, pode ser exaustivo (ter que explicar cada vez que vai pra um lugar diferente, conversar com colégio, com lugares, pessoas), mas que ainda é necessário e que não dá pra deixar passar.

Depois que a gente trilha essa jornada de mãos dadas com nossos filhos, fica impossível soltar.

Crianças trans



Podem usar hormônios para modificar o corpo?

NÃO! O atendimento para esse público segue o protocolo do Conselho Federal de Medicina: nenhuma criança ou adolescente menor de 16 anos passa por aplicação de hormônios ou cirurgias.

Crianças trans

Passam por cirurgias?

NÃO! As cirurgias de mudanças corporais só são permitidas em pessoas com mais de 18 anos de idade, e os pacientes precisam passar por, no mínimo, um ano de acompanhamento por uma equipe multiprofissional e multidisciplinar.



GLOSSÁRIO

Palavras básicas

PARA ENTENDER A DIVERSIDADE LGBTQIA+

Com a ajuda de muita gente, reunimos este pequeno dicionário de expressões que vão te ajudar a entender o universo da diversidade de gênero e de orientação sexual.

DIVERSIDADE:

conceito que engloba a variedade de etnias, de culturas, de habilidades, de tipos de corpos, de orientação sexual e de identidade de gênero.

LGBT+, LGBTQIA+, LGBTQIAPN+:

siglas que reúnem a diversidade de sexualidade e identidade de gênero: mulheres lésbicas (L), homens gays (G), bissexuais (B), transexuais, transgênero e travestis (T), Queer (Q), além de pessoas intersexo (I), assexuais (A), pansexuais (P) e não binárias (N).

SEXO: características físicas, anatômicas, cromossômicas e hormonais que diferenciam homens e mulheres.

SEXUALIDADE: segundo a World Association for Sexual Health, a sexualidade é um aspecto central do ser humano em toda a sua vida e



envolve sexo, identidade e papel de gênero, orientação sexual, erotismo, prazer, intimidade e reprodução.

ORIENTAÇÃO SEXUAL:

desejo e afeto por outra pessoa. Mulheres que gostam de mulheres são chamadas de lésbicas, homens que gostam de homens são chamados de gays (homossexualidade). Homens que gostam de mulheres e mulheres que gostam de homens são chamados de heterossexuais (heterossexualidade).

IDENTIDADE DE GÊNERO:

como a pessoa se vê; o gênero com o qual a pessoa se identifica. Pessoas que se identificam com o gênero atribuído no nascimento são chamadas de cisgêneras (cis). Pessoas que não se identificam com o gênero designado ao nascer ou que transitam entre os gêneros são chamadas de transgêneras (trans).



TRANSEXUAL OU

TRANSGÊNERO: mulheres trans se identificam como do gênero feminino, mesmo tendo nascido com pênis e outras características tidas como masculinas. Homens trans se identificam com o gênero masculino, mesmo que tenham nascido com vulva e outras características tidas como femininas. Pessoas que se identificam com mais de um gênero ao mesmo tempo ou com nenhum dos dois são transgêneras não binárias.

EXPRESSÃO DE GÊNERO:

as roupas, o estilo, o jeito de falar, a voz... é a forma como a pessoa expressa seu gênero. A expressão pode ou não corresponder ao gênero atribuído no nascimento.

TRAVESTI: no passado, a palavra era considerada pejorativa. Hoje, está sendo resgatada como uma forma política de autoafirmação de mulheres trans. Só é usada no feminino e de maneira autodeclarada.

LGBTFOBIA:

ódio e aversão a pessoas LGBTQIA+.

**CRIME DE LGBTFOBIA, HOMOFOBIA OU****TRANSFOBIA:**

violência contra pessoas LGBTQIA+. Crime reconhecido pelo Judiciário brasileiro como passível de pena.

TRANSIÇÃO DE GÊNERO:

Transição de gênero: o processo de transição de gênero se refere a todas as ações e modificações adotadas pelas pessoas transexuais e travestis ao longo de sua trajetória na busca de produzir uma leitura social em relação ao gênero na qual elas se identificam. Inclui nome social, roupas, acessórios, pronomes e modificações corporais.⁵

DISFORIA DE GÊNERO:

termo médico usado para explicar o intenso sofrimento de pessoas que não se identificam com o gênero designado no nascimento.

5 Fonte: Saúde LGBTQIA+: Práticas de Cuidado Transdisciplinar. Livro de Saulo Vito Ciasca; Andrea Hercowitz; Ademir Lopes Junior



ASSEXUAL: pessoas que não sentem atração sexual.

PESSOAS INTERSEXO: pessoas que nascem com genitais ambíguos.

CIRURGIA DE MODIFICAÇÃO CORPORAL OU DE

REDESIGNAÇÃO SEXUAL: conjunto de procedimentos médicos que visam adaptar os genitais ou outras características físicas para novas identidades de gênero. Pode ser feita pelo SUS a partir dos 21 anos de idade e apenas por pessoas que passaram por acompanhamento médico e psicológico.

HORMONIZAÇÃO: é a forma de reposição na qual os hormônios sexuais e outras medicações são administrados às pessoas trans e intersexo para que adquiram características físicas de acordo com o gênero vivenciado, como parte de sua transição de gênero.⁶

BLOQUEIO PUBERAL: é a interrupção da produção de hormônios sexuais através do uso de medicamentos, com o objetivo de impedir o desenvolvimento de caracteres sexuais secundários típicos de cada sexo biológico, ou seja, impedindo a evolução da puberdade. De acordo com a Resolução 2265/19 do Conselho Federal de Medicina realizado com

protocolos de pesquisa, em hospitais universitários e/ou de referência para o Sistema Único de Saúde.⁷

NOME SOCIAL: nome escolhido por pessoas transgêneras ou não binárias que difere do nome atribuído no seu nascimento e que consta no RG (nome morto ou antigo). O uso é assegurado por Lei e já consta em alguns documentos de identificação, como o título de eleitor e a CNH.

HETERONORMATIVIDADE: modelo de sociedade que impõe regras de comportamento heterossexual a todos, com ênfase nos privilégios masculinos.

LINGUAGEM NEUTRA: uso de termos que privilegiam o gênero neutro no lugar do masculino. Exemplo: todes em vez de todos.

LINGUAGEM INCLUSIVA: tenta trazer diversidade e inclusão ao nosso modo de falar, evitando a expressão de preconceitos e a utilização do masculino no lugar do neutro. Exemplo: em vez de dizermos Boa noite a todos, dizermos Boa noite a todas e todos. Ou ainda: a todas, todes e todos. Assim, ninguém fica de fora.

BINDER: faixa usada por meninos e homens trans para disfarçar o volume dos seios.

⁶ e ⁷ Fonte: Saúde LGBTQIA+: Práticas de Cuidado Transdisciplinar. Livro de Saulo Vito Ciasca; Andrea Hercowitz; Ademir Lopes Junior



Referências



Site e redes sociais das Mães pela Diversidade.

<https://maespeladiversidade.org.br>

Site da Associação Brasileira de Lésbicas, Gays, Bissexuais, Travestis e Transexuais (ABGLT). <https://www.abglt.org>

Site da Associação Nacional de Travestis e Transexuais, Antra. <https://antrabrasil.org>

Site da Alma Preta Jornalismo. <https://almapreta.com.br/sessao/cotidiano/homens-negros-gays-sao-os-que-mais-sofrem-violencia-segundo-levantamento/>

Saúde LGBTQIA+: Práticas de Cuidado Transdisciplinar. Livro de Saulo Vito Ciasca; Andrea Hercowitz; Ademir Lopes Junior

Resolução 2265/19 do Conselho Federal de Medicina. https://sistemas.cfm.org.br/normas/arquivos/resolucoes/BR/2019/2265_2019.pdf

Resolução CFP N° 001/99. https://site.cfp.org.br/wp-content/uploads/1999/03/resolucao1999_1.pdf

Mãe Sempre Sabe? Mitos e Verdades sobre Pais e seus filhos homossexuais. Livro de Edith Modesto

Influência dos Pais na Saúde de Adolescentes Lésbicas, Gays e Bissexuais: o que os Pais e as Famílias Devem Saber, publicação do Center for Disease Control and Prevention, agência de proteção à saúde pública dos Estados Unidos

Guia para Famílias de Crianças com Papéis e Comportamentos de Gênero Diverso. Publicação da Amplos consultada em <https://www.amplos.pt/recursos/guias/guia-para-familias-de-criancas-com-papis-e-comportamentos-de-gnero-diverso>

Parenting LGBT Children, Publicação da Strong Family Alliance, consultada em <https://www.strongfamilyalliance.org/parent-guide-gay/>

A Guide For Family & Friends, Publicação da FFLag, consultada em <https://www.fflag.org.uk>

Expediente

COORDENAÇÃO

Brenda Fucuta

REDAÇÃO

Brenda Fucuta e
Gabriela Kimura

ARTE

Verúcio Ferraz

CONSULTORIA

Luciene Mendes – LEIS

Marcelo Limão – PSICOLOGIA

Karla de Siqueira – PSICOLOGIA

Andrea Hercowitz – SAÚDE

DEPOIMENTOS

Integrantes da ONG

Mães pela Diversidade





Que bom que você chegou aqui.

Se gostou dos conselhos, compartilhe esta cartilha com outras pessoas.

Quer conversar com mães e pais pela diversidade?

Nos procure pelo WhatsApp:

 **11 97362 1805**

maespeladiversidade.org.br



@maespeladiversidade

APOIO

Beiersdorf



Eucerin